

# A CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS DE CORRIDA DE RUA DA CIDADE DE ALAGOINHAS E A CONFIGURAÇÃO DE IDENTIDADES

## 1. ARGUMENTAÇÕES SOBRE O TEMA

O presente trabalho é parte do desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado **Estudo sobre a relação entre a prática de corrida de rua e a conformação de identidades**<sup>1</sup>. O referido projeto se inscreve no campo teórico da abordagem sociocultural das práticas esportivas. Privilegia a perspectiva que concebe o esporte em sua heterogeneidade e, como afirma Stigger “[...], encaminha-se no sentido da possibilidade de identificar suas diferentes expressões, relacionadas com as diversas formas de apropriação, por parte dos praticantes( STIGER, 2002, p. 31). Apresento a seguir alguns dados que assumem um papel argumentativo, buscando convocar o leitor a partilhar o delineamento de um sentido que permeia as práticas de corrida de rua.

Proponho compreender esse fenômeno presente em nossos cotidianos como processo contínuo de transformação, marcado principalmente pelo aumento do número de corredores (as) e a formação de grupos de corrida. Inspiro-me nas considerações de Dunning, sobre a teoria do tempo, de Norbert Elias, em que Dunning diz o seguinte:

Parte da pertinência que a teoria do tempo de Elias tem para a sociologia é a implicação de que os praticantes dessa disciplina devem estar mais conscientes que de costume pelo fato de que seu objeto de estudo são os eventos e os processos (estruturados) no espaço e no tempo, ou melhor, no espaço-tempo. Isso significa que a visão convencional de que a Sociologia e a História são disciplinas separadas e distintas, uma interessada no “presente”, a outra no “passado”, é arbitrária e errada. Todos os estudos são inevitavelmente estudos do passado (2014, p. 43).

---

<sup>1</sup> O projeto está vinculado ao grupo Lazer, Esporte, Mídia e Meio Ambiente (LEMMA), da Universidade do Estado da Bahia, e ao curso de Educação Física, do Departamento de Educação da UNEB – Campus II

A história do esporte dá a conhecer de que maneira o fenômeno das práticas de corrida de rua vai se instaurando durante o século XIX, na Europa, marcado pela presença da medicina no domínio das condições de saúde dos corpos e das tecnologias que possibilitam mediação entre tempo e espaço. Ele se inscreve em um contexto do desenvolvimento urbano e industrial, e vai se tornando cada vez mais de interesse das mídias como revistas impressas, passando pela narrativa radiofônica, pela publicidade, e depois pela televisão, que começa a despontar em fins da década de 1920, e se populariza depois da segunda grande guerra. A televisão torna-se um poderoso meio de comunicação com as transmissões via satélite, no início da década de 1960. O consumo dos espetáculos esportivos, assim como dos objetos relacionados às práticas esportivas, como vestuários, vai alimentando um sistema mercantil. Assim, várias áreas do conhecimento vão participar da instituição do que foi denominado esporte: a medicina, a economia, a política, as mídias e as tecnologias associadas a esses campos. Não se pode esquecer, sobre o processo de desenvolvimento dos esportes, entre o século 19 e início do século 20, da tão referida ação do Barão de Coubertin, que promoveu, em 1896, a reedição das olimpíadas, a primeiras da Era Moderna, além da instituição das maratonas e o embate entre amadorismo e profissionalismo, presentes na historiografia do esporte.

Continuando nesse apelo ao processo histórico, do qual o desenvolvimento do esporte é parte, vamos ver que, no contexto do Brasil, se identifica a emergência do atletismo no século XIX, período em que o campo esportivo vai se estruturando. Melo (2009) nos informa que o atletismo nesse período

[...] tem uma trajetória curiosa. De início, não se tratava de uma prática relacionada à saúde ou higiene; era quase uma brincadeira organizada pelos ingleses que viviam no Rio de Janeiro. O programa era dos mais curiosos, que previam categorias com o uso de estopa ou perna de pau (75)

De acordo com Melo (2009), na contramão de um sentido de exclusividade para membros de uma mesma classe, este associado ao cricket, as corridas a pé, em função de não exigirem grandes implementos, caíram no gosto popular no Rio de Janeiro, conforme ele cita:

[...] muitos clubes são criados a fim de estimular a prática. [...] Competições, inclusive com a realização de apostas, uma das chaves para que possamos entender essa popularidade, eram ainda organizadas na Praça de Republica/Campo de Santana, no antigo jardim zoológico (Vila Izabel) e em espaços de patinação [...] Em São Paulo, nesse mesmo período, 'pedestrianismo' (como era também chamado) tinha sede principal no Clube de Corrida Paulistano [...] ( 76)

Esses registros mostram como fomos nos distanciando do “divertimento” mais espontâneo que caracterizou a chegada do atletismo no Brasil, em especial, as corridas de rua.

O fato é que, em um corrente processo de transformação, a corrida de rua vai se propagando e movimentando corpos de homens e mulheres de diferentes idades e de diferentes grupos sociais. Presenciamos um visível aumento de pessoas correndo nas ruas, buscando superar os limites do próprio corpo. Dá para ver, estampado nos rostos, ouvir na respiração acelerada, como é árduo esse esforço. Revistas especializadas trazem em suas matérias um incansável e inesgotável apelo a essa superação. Elas são recheadas de personagens que vivenciam uma “carreira” marcada por um antes da prática corrida e um depois. São insistentes em mostrar como esses personagens se transformam de forma positiva: passam a ter uma boa saúde, um corpo mais desejável, e principalmente, passam a se ver e serem vistos como corredores( as)

## **1.2 A emergência dos grupos de corrida**

As abordagens sobre o crescimento da corrida de rua no mundo e no Brasil, a partir da década de 1970, passam pelas referências do papel de William Bowerman, com a invenção/popularização do *joggin* e de Kennet H. Cooper, criador do *cooper*, nessa sucessão.

De acordo com Silva (2009), é no contexto de crescimento do interesse por parte da população brasileira em relação à corrida de rua, principalmente pelas

maratonas<sup>2</sup>, que surge, no ano de 1982, um grupo de corredores o “Corredores Paulistas Reunidos” (CORPORE). O autor comenta assim esse surgimento:

Entre os anos de 1993 e 1998, um grande movimento começou a nascer no Brasil, com um crescimento abrupto do número de pessoas que começaram a praticar corrida, sobretudo na cidade de São Paulo. E um dos grandes responsáveis por esse movimento foi a Corpore, que, após um período de crise entre 1988 e 1991, renasceu no ano de 1992, passando a realizar provas cada vez mais estruturadas e organizadas, principalmente na região do Ibirapuera” (SILVA, 2009, P.19)

Ainda conforme Silva( 2009), com o crescimento organizado da prática, surge o interesse por parte das editoras de revistas, que não demoraram em criar um periódico especializado no assunto. Surge então a primeira revista sobre corridas: *Contra Relógio*. Lançada em 1993, logo se tornou um guia para corredores amadores. O autor ainda identifica um novo *boom* da corrida de rua no ano de 2005 “[...], quando a corrida começou a ter cada vez mais destaque em programas de qualidade de vida dentro das empresas, além de uma grande importância para as mídias de consumo (SILVA, 2009, p.20). É essa condição que se apresenta no surgimento das primeiras “assessorias esportivas”, que oferecem treinamento especializado para grupos de corredores amadores. Existe a concordância de que essas assessorias contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento acelerado do mercado de corrida, e para o aumento do número provas e de participantes de provas que duplicam a cada ano.

As palavras de Bourdieu refletem bem essa condição:

Temos aqui um caso de encontro entre a oferta, isto é, a forma particular que reveste a prática e o consumo esportivos propostos a um dado momento do tempo, e a demanda, isto é, as expectativas, os interesses e os valores dos praticantes potenciais, sendo a evolução das práticas e dos consumos reais o resultado da confrontação e do ajustamento permanente entre um e outro<sup>3</sup>(BOURDIEU, 2002,p.189)

Pode-se dizer que os grupos de corrida de rua se constituíram em um fenômeno sociocultural relevante. Mas que fenômeno é esse? O que tem trazido

---

<sup>2</sup> A São silvestre, de acordo com Dallari (2009), teve em sua primeira prova, em 1925, inscritos sessenta atletas, e em 2007 ela contou com 16.327 participantes

<sup>3</sup> Tradução da autora do trecho de *Comment peut-on etre sportif*

cada vez mais às ruas uma modalidade esportiva configurada em grupos e, cada vez mais, a adesão de pessoas a esses grupos? Com base nesse dado da realidade social, sugiro uma investigação que possa contribuir para um maior alcance dessa prática esportiva. Compreendendo os grupos como instituição, este estudo se propõe a dar conta de como se institucionaliza cada um dos grupos de corrida de rua a serem investigados. Deverá centrar a atenção na maneira como a formação, o desenvolvimento e o funcionamento dos grupos participam da construção de identidade do grupo, e da identidade de seus membros. Elias (1994) enfatiza que a sociedade produz o semelhante e o típico, mas também o individual, e lembra que:

O que é moldado pela sociedade também molda, por sua vez: é a auto-regulação do indivíduo em relação aos outros que estabelece à auto-regulação destes. Dito em poucas palavras, o indivíduo é, ao mesmo tempo, moeda e matriz.[...] Até o membro mais fraco da sociedade tem sua parcela na cunhagem e na limitação de outros membros, por menor que seja(ELIAS, 1994, p.52).

Oriento-me também pela concepção de Shutz (1979) de que o senso de pertencimento a um determinado grupo e o de suas consequências sociais constituem uma dimensão importante na construção da identidade.

## **2. ESPORTE: SUPERAÇÃO DO CORPO, “SUPERAÇÃO DE SI”**

Nesta seção, busco analisar como a instituição do esporte no século XIX incide sobre a concepção do corpo e da “concepção de si”, que vão se constituindo ao longo do século 20. A tentativa de compreender como essas concepções participam da constituição das identidades vinculadas às práticas de corrida de rua, especialmente as organizadas em grupo, que me interessa profundamente, é uma ação fundamental e ampla, requerendo um tempo que não foi dado ao presente trabalho. Ela fica então como expectativa na continuidade da minha pesquisa.

Vigarello (2008) destaca que, no início do século 19, não se admite mais o jogo sem o treinador que fixa os programas. Treinar significava entrar na modernidade. Vai se instituindo nesse período uma ciência com regras e códigos

a auscultar um corpo que deve ser a expressão da eficácia. A excelência corporal entra em cena. Dispositivos como o aspirômetro, e o pneumógrafo, avaliando respectivamente “capacidade” e “ritmo”, passam ser indispensáveis, já que o rendimento é o tema da vez. Estratégias de medidas e cálculos se instituem em um processo contínuo, cada vez mais sofisticados, almeja-se uma precisão dos gestos. Conforme menciona Vigarello:

[...] motricidade e sensibilidade estão acopladas. Daí a sugestão desde o final do século XIX, de educar o ‘sentido muscular’ para melhor educar os ‘músculos antagônicos. Treinar para melhor perceber, melhor sentir músculos e movimentos. Daí também surge um modelo de corpo que integra esses dispositivos intrincados” (2008, p. 201)

De acordo com esse autor, o século 20 vai aprofundar esse espírito e instaurar o que ele e chama de “mania dos esportes”.

Ideias de perseverança, esforço, obstinação, estratégias de medidas e cálculos vão dando forma a um comportamento associado às práticas esportivas. Como Vigarello aponta, através da determinação se obtém o sucesso que leva o praticante a tornar-se “alguém”. Transformar a fraqueza em força está relacionado a uma melhor capacidade de resistir às dificuldades da vida. Vemos assim que o sentido do esporte alcança uma dimensão moral da existência, acompanhando o aumento da obstinação pelo treinamento calculado. Lembrando ainda que a relação prática esportiva e ascensão social se aproxima nesse período, embebida no princípio do século 20, na ideia de “trabalhar sobre si mesmo para progredir na vida”.

Essas aprendizagens vão convergir com os projetos de desenvolvimento pessoal em uma sociedade que enfrenta sempre mais competição e igualdade. Convergem com a literatura, igualmente nova no princípio do século XX prometendo a “autoconfiança”, detalhando a maneira de tornar-se mais forte, a de abrir o próprio caminho na vida. Converte ainda com uma literatura toda psicológica que se aventura, alguns anos depois, pelo terreno das técnicas mentais para melhor cultivar a autoafirmação: ‘pode-se praticar uma espécie de autossugestão durante as sessões de educação física’, afirma texto de 1930 (VIGARELLO, 2008, p.214-215)

Enfim, as aprendizagens (vinculadas ao exercício, ao esporte) vão convergir com os projetos de desenvolvimento pessoal. Com o treinamento, trabalha-se não apenas sobre a musculatura e movimentos, mas também se realiza um trabalho sobre o sensível, sobre o íntimo. O autor chama atenção para palavras que ficaram em evidência no período entreguerras: “modelar-se”, “cultivar-se”:

[ ] essa exigência de “modelagem” do próprio corpo reforça o tema do trabalho, da vontade aplicada ao corpo: constância e tenacidade apesar das férias e do tempo passado ao ar livre, obstinação e teimosia apesar do repouso e das escapulidas[ ] O tema se tornou mais psicológico nas décadas de 1920 e 1930, mais interiorizado [ ] o corpo se “psicologizou”, à imagem de um indivíduo que se reivindica mais senhor de si com a modernidade (VIGARELO, 2008, p, 220)

Podemos falar aqui de duas injunções, uma sobre o corpo (através da medição, da medicina, dos materiais), a outra sobre a mentalidade (confiança, autoconhecimento) constitutivas dos exercícios e esportes que vão se instituindo no século 19, e que vão participar da construção de um sujeito que vai se instaurando ao longo do século 20.

Vimos com Vigarello que, entre os séculos 19 e 20, a relação entre treinamento e performance vai se impondo, buscando-se alcançar um índice de aperfeiçoamento. O que chama atenção é que esse “aperfeiçoamento” tem como foco, além de uma performance física, um “crescimento pessoal, a “superação de si”. Queval destaca que:

[ ] vemos também a superação de si escondida em diversas práticas “esportivas”, ainda que as intenções declaradas sejam outras, até mesmo opostas, testemunhando as ambivalências que atravessam tais práticas, tanto quanto a noção de excelência corporal (QUEVAL, 2013, p.200)

A noção de “superação de si” deve acompanhar o desenvolvimento de meu projeto, especialmente na discussão de como ela está relacionada à constituição da identidade dos membros dos grupos de corrida em investigação.

### 3. SOBRE GRUPOS E O PROCESSO DE SE TORNAR MEMBRO

De acordo com Goffman (2003), pertencer a um grupo não é um processo acabado. Para compreender melhor essa assertiva, seria interessante prestar atenção na ideia desenvolvida pelo autor de que a compreensão do vínculo social está intimamente relacionada a seus limites:

Os vínculos que unem o indivíduo a entidades sociais de diferentes tipos apresentam propriedades comuns. A participação do indivíduo na entidade – uma ideologia, uma nação, um ofício, uma pessoa ou mesmo uma conversa – terá alguns aspectos gerais. Sentirá obrigações: algumas serão duras, pois incluem alternativas obrigatórias, trabalho a ser realizado, serviço a ser cumprido, tempo ou dinheiro gastos; outras serão mais suaves, pois exigem que sinta participação e ligação emocional. Portanto, a participação numa entidade social impõe compromisso e adesão (GOFFMAN, 2003, p.147-148).

Quando o autor evidencia os limites do vínculo, não deixa de considerar que é possível supor que todo vínculo implica uma concepção da pessoa ligada a ele. Portanto, nas disposições sociais de uma organização, se inclui uma concepção completa do participante - e não apenas uma concepção dele como e enquanto participante - mas, além disso, uma concepção dele como ser humano. Assim, a instituição tem uma interpretação geral dos seus participantes com a qual se espera que concordem, pois, quando um participante reconhece a legitimidade da ação do outro, ele reconhece o direito do outro de fazer suposições a respeito dele. Toda organização inclui uma disciplina de atividade, mas o que se apresenta como extremamente significativo é o fato de que “[...] em algum nível, toda organização inclui também uma disciplina de ser - uma obrigação de ser um determinado caráter e morar em determinado mundo”(GOFFMAN, 2003, p.152). Quando diz o que deve fazer e porque deve desejar fazer isso, a organização presumivelmente diz tudo o que o participante pode ser.

Mas Goffman (2003, p 153-154) não deixa esquecer que, quando uma instituição oficialmente oferece incentivos externos e abertamente admite ter um direito limitado à lealdade, ao tempo e ao espírito do participante, se este aceita

isso – o que quer que faça com seu prêmio e independentemente do fato de admitir que seus interesses pessoais não se identificam com os da instituição - tacitamente aceita uma interpretação de sua identidade.

O envolvimento por muito tempo com um grupo é um movimento que implica um gasto de tempo e energia significativos na perseguição dos objetivos desse grupo. Dedicção supõe motivação duradoura, e crenças firmes quanto ao lugar a que se pertence - isto é, ao que se é. “[...] todo compromisso de longa duração significa uma aquiescência ao sacrifício, por mais fraco que possa ser o compromisso” (STRAUSS, 1999, p.58).

Além das concepções de Goffman e Strauss sobre o pertencimento a grupos e o sentido que o permeia, é importante trazer para exame como as dimensões funcional, simbólica e imaginária se entrecruzam na constituição de sentido de determinada prática, no caso, aqui, da prática de corrida de rua organizada em grupos. Parto do pressuposto que tal prática não é norteadas simplesmente por uma dimensão funcional (onde se inscreve, por exemplo, a saúde), mas também simbólica e imaginária. Acredito que essa formulação possa ser compreendida a partir da elaboração teórica de Marshall Sahlins (1979), que desenvolve a ideia de que nenhuma explicação funcional por si só é suficiente para se alcançar o sentido de uma ação, já que o valor funcional é sempre relativo a um esquema cultural. O universo simbólico faz do mundo de sujeitos, um mundo de significação. Sendo assim, a prática da corrida de rua organizada em grupos faz parte de um sistema cultural, portanto, simbólico, e está permanentemente regida por um sistema de significação cultural. E, como lembra Sahlins, “[...] nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem” (SAHLINS, 1979, p. 189).

No entanto, para Castoriadis (1982), se o componente racional/funcional pode ser questionado como dominante da experiência humana por um esquema simbólico, este não esgota as possibilidades humanas, pois subsiste aí, de acordo com o autor, um componente essencial que é o imaginário. Isto quer dizer que o mundo social-histórico se articula em função de um sistema de significações que são também “imaginárias”. Trazendo essas reflexões para o que interessa — as

significações da prática da corrida de rua — pode-se dizer que em torno de um núcleo funcional (um modelo médico esportivo) como a manutenção da saúde, potencialização do corpo, por exemplo, cristalizam-se sentidos não racionais ou imaginários.

Compreender, portanto, a significação dessa prática que trago para análise, pode convocar a adentrar suas dimensões funcional, simbólica e imaginária, estabelecendo a relação entre elas.

#### 4. A FORMATAÇÃO DE GRUPOS DE CORRIDA NA CIDADE DE ALAGOINHAS-BA

É fundamental esclarecer que nesta investigação o que denomino “grupos de corrida” engloba: a assessoria esportiva, que presta o serviço treinando os (as) corredores(as) e o conjunto de indivíduos que treinam sob a orientação dessas assessorias; as associações; e o que denomino de “grupos autônomos”<sup>4</sup> Em relação às assessorias, como vimos, estas são consideradas uma das grandes responsáveis pelo crescimento do número de corridas de rua no Brasil. A partir delas, essa prática vai se expandindo, se inserindo em uma lógica mercantil. Elas oferecem serviços como orientação de treinos, na maioria das vezes buscando associá-los à área da nutrição, da medicina esportiva, por exemplo, que consideram necessárias para o bom desempenho de seus “clientes”.

No início do ano de 2013, iniciei a experiência de correr em grupo. Até então, a corrida de rua tinha sido uma atividade muito esporádica para mim, mas, de lá para cá, ela se tornou presente na minha vida, apesar de ser uma prática indisciplinada e sem metas, e eu muito pouco avançar no que se considera, nesse universo de corredores, um desejável progresso na carreira, como chegar a correr uma meia maratona e depois, quem sabe, uma maratona. O que não falta nas mídias são exemplos desse “sucesso”. Pessoalmente já acompanhei alguns desses triunfos. Também não me adapto às exigências de planilhas, e prefiro ser orientada por quem respeite essa minha condição. Simplesmente gosto de correr.

---

<sup>4</sup> Essa nomeação tomo emprestada de Stigger( 2002) e corresponde a um grupo de pessoas que se juntam para correr de forma sistemática sem um vínculo institucional.

Devo estar inscrita em alguma tipologia de corredora. O que não falta são tipologias construídas por preparadores físicos para dizer que espécie de corredor você é.

A prática de corrida de rua organizada em grupos veio se delineando como meu tema de pesquisa no ano de 2015, mas muito ainda como um interesse flutuante. Apesar de elaboração de um projeto, os procedimentos de investigação só tiveram início em meados de 2016. Posso dizer que sou uma estreante na sociologia dos esportes. Desde que iniciei o processo de pesquisa, busquei aquele necessário, mas nem sempre fácil, “distanciamento” de investigador. Tenho procurado me lembrar das seguintes palavras de Elias: “ Não desconheço as dificuldades inerentes a uma abordagem que requer elevado nível de distanciamento, que exige o afastamento de cada um do seu objeto de estudo[...] deve considerar-se que isso é produtivo. Abre perspectivas obscurecidas por um excessivo envolvimento do investigador”(ELIAS, 47 1992). Sei que o problema do envolvimento do pesquisador com seu universo de investigação foi um tema bastante discutido no campo da metodologia, mas ainda está presente no meu ofício de pesquisadora, porque sinto as dificuldades e as riquezas desse processo.

O que apresento a seguir é uma descrição sobre o desenvolvimento da corrida organizada em grupos na cidade de Alagoinhas, centrando atenção em dois desses grupos. Os dados foram obtidos a partir da observação e registros. Esses registros foram reunidos para montar um quadro que se aproxime da realidade observada. O contexto de informalidade que vivenciei ao longo do trabalho de campo foi o que mais revelou os dados da pesquisa. Também realizei entrevistas semiestruturadas com sujeitos que são bem representativos dos grupos descritos.

#### **4.1 O surgimento dos grupos de corrida na cidade de Alagoinhas-BA**

É inegável que a corrida de rua amadora é uma prática esportiva que vem ganhando cada vez mais os espaços públicos de nossas cidades, e cada vez

mais adeptos. Olhando para as ruas das grandes, médias e pequenas cidades, é comum ver passando por nós alguém em trajes esportivos, sozinho (a) ou acompanhado (a), correndo. Nem sempre foi assim. Principalmente em cidades do interior, onde correr na rua não era nada usual, e causava certo estranhamento. Na cidade de Alagoinhas, a história não foi diferente.

Quando a Associação de Atletismo da Bahia foi fundada, em 1999, correr ainda gerava ainda certo estranhamento. Depois da associação, só no ano de 2012, como parte do processo de emergência das assessorias esportivas no Brasil, surgiu, na cidade de Alagoinhas, o grupo Triox sob a orientação de dois profissionais de educação física.: Ubiraci Paim e Norbisson Castro. Esse grupo esteve em atividade até 2014.

No período de funcionamento da Triox, no ano de 2013, foi criada na cidade uma outra assessoria, oriunda de uma academia. O treinador Geomário Silva, ex aluno do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia -UNEB/Alagoinhas - e professor de Educação Física, ficou à frente do grupo. Além do vínculo com a academia, ele é membro da Associação de Atletismo de Alagoinhas. Esse grupo ficou conhecido como grupo do professor Geomário, e logo depois de ser criado se desvincula da academia Pelo fato de o treinador ser membro da Associação de Atletismo de Alagoinhas, ele passa a usar o espaço da associação como ponto de apoio. (onde os corredores se encontram, onde se guardam de materiais, e se faz a organização documental do grupo). Isso também promove uma interação entre os participantes do grupo e os membros da associação, inclusive alguns membros da associação participam dos treinos da assessoria de forma gratuita. Sob a denominação Atletas de Alagoinhas, o grupos de Geomário criou em fevereiro de 2014 o grupo do Whatsapp. Apesar de o grupo ter encerrado as atividades em 2015, o grupo do Whatsapp ainda permanece como espaço de interação.

No ano de 2013, também se estabelece na cidade um grupo de corredores(as) “autônomos”, formado por iniciativa de dois funcionários do Banco Bradesco. Esse grupo agregou inicialmente alguns outros moradores da cidade, mas estes tiveram permanência curta. No final de 2014, era comum ver somente os dois funcionários correndo. Quando um deles é transferido para outra cidade,

em 2015, o grupo se dissolve. Então, um dos dois funcionários que permanece na cidade se vincula à Associação de Atletismo de Alagoinhas.

Com o fim da assessoria Triox, anteriormente referida, no ano de 2014, três mulheres participantes desse grupo buscaram os serviços da Vácuo Assessoria Esportiva, localizada em Salvador, que presta serviços *on line* para corredores de Alagoinhas<sup>5</sup>. Através do site da assessoria, os (as) corredores (as) enviam seus dados, que são utilizados para montar os programas de treinamento. A partir daí, é disponibilizada semanalmente uma planilha com exercícios para serem realizados ao longo da semana. Através do whatsapp, os participantes enviam o resultado do treino, ocasião em que é feita uma avaliação pelo treinador. O grupo funcionou nos seus três primeiros meses com as três corredoras anteriormente referidas e, ao longo do ano de 2015, ocorre aumento de participantes. Em abril de 2016, já contava com vinte e seis participantes. No ano de 2017, o treinador muda para a cidade e a assessoria passa a ser presencial. O grupo permanece em funcionamento, agora com trinta membros.

Era comum o grupo de funcionários do Banco Bradesco e da Vácuo Assessoria Esportiva se juntarem para correr. Além deles, mais dois corredores ex-membros da Triox se juntavam também a esses grupos<sup>6</sup>.

A seguir, apresento alguns dados da organização e funcionamento da Associação de Atletismo de Alagoinhas e da Vácuo Assessoria Esportiva, descrevendo a maneira como elas estão organizadas, e algumas de suas práticas institucionais.

## **2.1 A Associação de Atletismo de Alagoinhas**

Pode-se considerar a Associação como o primeiro grupo de corrida criado da cidade.

---

<sup>5</sup> Esta relação acontece pelo fato do treinador ter vínculos familiares na cidade

<sup>6</sup> Esses dois corredores depois da Triox não se vincularam mais a nenhum outro grupo de maneira formal, mas treinam com uma das ex corredoras também da Triox que se vinculou a Vácuo. Também se juntam informalmente aos treinos da assessoria

Essa instituição conta atualmente com vinte dois associados.<sup>7</sup> Sua sede fica localizada em um espaço da cidade anexo ao Estádio Antônio Carneiro, conhecido como Carneirão. O espaço foi cedido pela Secretaria de Esporte, Cultura e Lazer no ano de 2011. O objetivos gerais da associação são definidos como sendo a divulgação da prática esportiva, a promoção da saúde de seus participantes, o incentivo à participação em eventos esportivos e, assim, promover também a cidade de Alagoinhas, em provas de corridas pelos país.

A diretoria da Associação é formada atualmente<sup>8</sup> pelo presidente, Antônio Lopes Santos; vice-presidente, Edvan Cupertino Motta, primeiro tesoureiro, Sergio Almeida Lima, segundo tesoureiro, José Antônio Palmeira de Mattos, primeiro secretário, Geomário da Silva e segundo secretário, Everaldo Luiz de Souza Silva.

Dos dezoitos membros ativos da Associação, nove homens e nove mulheres, cinco tem o curso superior completo e três estão com curso em andamento, todos esses três no curso de Educação Física da UNEB/Alagoinhas. Dos cinco que têm o curso completo, dois se formaram no curso de Educação Física da UNEB/Alagoinhas. Enfim, dos oito que têm curso superior, cinco estão vinculados à Educação Física. Os outros dez membros, que não têm curso superior, têm profissões/ocupações tais como: cobrador de ônibus, pintor, comerciante, diarista, bancário e servidor público. Entre os dez, um deles está aposentado.

É interessante observar que, desses dezoito membros, sete começaram a correr há mais de vinte anos, enquanto oito deles entre dois a quatro anos, período que corresponde ao período de 2013 a 2017, lembrando que 2013 foi o ano de emergência dos grupos de corrida na cidade. Todos eles consideram que a Associação foi importante para o seu desempenho como corredores(as). Um dado que é bom destacar é que doze dos dezoito associados consideram importante superar metas nas corridas e que seis dos dezoito afirmam usar sempre os acessórios para medir o desempenho (espaço/tempo/velocidade). Não se vê aqui uma super valorização desses acessórios, nem dos vestuários e tênis.

---

<sup>7</sup> Desses vinte e dois filiados, dezoito efetivamente participam da associação, pagando a mensalidade de vinte reais mensais, participando dos treinos e eventos de corrida de rua

<sup>8</sup> Dessa diretoria, dois dos membros já não participam mais da Associação. A eleição de uma nova diretoria está marcada para o mês de junho deste ano

Eu mesma observei corredoras melhorarem muito o desempenho sem nunca ter lançado mão das tecnologias voltadas para medição, e nem presenciei uma atenção especial a vestuários e tênis que chamasse a atenção. O período em que frequentei a Associação, pouco ouvi conversas sobre tênis ou roupas de corrida. Não é que não haja o interesse pelas tecnologias de medição, por vestuários adequados e tênis adequados, inclusive esses interesses aparecem nas interações via Whatsapp, mas não é dominante. Todos consideram que se valorizaram mais depois que passaram a correr e superar os seus limites.

A Associação de Atletismo de Alagoinhas possui um grupo de Whatsapp, criado em 27/05/2014 e conta atualmente com quarenta e seis participantes, nem todos membros da Associação. São pessoas que se vinculam por já ter sido membro da Associação, por ser simpatizante ou por ter interesse em comum com a instituição; alguns participaram do grupo do professor Geomário. É um grupo bastante ativo em que a maioria dos participantes interage, troca informações, dialoga e discute assuntos dos mais variados, desde situações corriqueiras a conteúdos relacionados à prática da corrida de rua e à Associação. Os que mais participam são os membros que estão na ativa na Associação. As noções de saúde e desempenho estão muito presentes nas conversas. Em relação à saúde, alguns temas são frequentes: alimentação, sedentarismo, exames clínicos médicos, hidratação, repouso, vestuário, consumo de medicamentos, prevenção de doenças e dietas específicas. No que diz respeito à desempenho, os temas que aparecem são: repouso, percurso, despreparo físico para maratonas, resistência física, aplicativo Runtastic, treinamento de força, preparo psicológico para tempo e ritmo na participação de provas, vestuário adequado, circuito de corridas, treino e clima e resistência, e diferença de gênero. Mesmo considerando as noções de saúde e desempenho como frequentes nas interações, o que domina mesmo são conversas sobre o cotidiano dos participantes, muitas conversas jocosas, e os eventos de corrida, principalmente os que acontecem nas cidades próximas.

As atividades da Associação se desdobram em: treinamentos, participação em eventos de corrida, organização e produção de eventos de corrida de rua na

cidade de Alagoinhas, reuniões dos associados e eventos de sociabilidade como encontros fora da sede e café da manhã depois de um treino longo, por exemplo<sup>9</sup>

Quando tive acesso à Associação, em outubro de 2014, seus membros treinavam três vezes na semana, sem um direcionamento específico. Simplesmente se encontravam em dias determinados e saíam para correr. Contavam com a orientação do presidente da Associação, Antônio Lopes, mas não de forma sistematizada. O ponto de partida dos treinos era a sede da Associação. Nos domingos, faziam um treino mais “aberto” a não associados interessados na corrida de rua.

A partir do final de 2016, os treinos vêm sendo realizados duas vezes por semana, nas terças e sextas feiras, no campo do Estádio Carneirão, e são dedicados ao treinamento de força e velocidade. Esses treinos ficaram sob da responsabilidade do segundo secretário, Geomário da Silva, que com o fim de sua assessoria esportiva, anteriormente referida, assume treinar o grupo da Associação sem remuneração. Aos domingos, é realizada uma corrida mais longa no entorno da cidade e o local permanece aberto a pessoas não associadas.

Pude verificar que a criação da assessoria do professor Geomário, anteriormente referido, que funcionava vinculada à sede da Associação, possibilitou uma abertura da Associação ao interagir com as pessoas que participavam do grupo de Geomário, o que deu também à Associação uma maior visibilidade. A interação entre a assessoria do professor Geomário e a Associação promoveu uma “abertura” da Associação para corredores não veteranos. Alguns integrantes da assessoria, com o seu fim, passaram a participar da associação. Observa-se que, em 2013, a Associação ampliou seu quadro e intensificou a interação com a criação da grupo do whatsapp.

Geomário , que começou a correr em 1992, fala sobre o quanto o surgimento dos grupos de corrida de rua está vinculado ao aumento da presença dessa prática nas ruas da cidade, conforme seu depoimento:

[...] ajudou sim essa orientação ela tem uma participação significativa vai indo nesse crescimento, porque as pessoas percebem e procuram por vários motivos. Um, é para

---

<sup>9</sup> Dados coletados através da observação do grupo do whatsapp

melhorar mesmo a performance, outro é para ter companhia e tá ambientado ali e na socialização. Porque corrida é um esporte muito solitário, você tem que correr quinze, vinte km sozinho, e aí tem que ter algo na cabeça para você ter foco. (Informação verbal, 2016)<sup>10</sup>

Também os eventos promovidos pela Associação trouxeram visibilidade e novos associados. Da sua fundação para cá, a Associação tem participado de vários eventos de corrida de rua pelo Brasil, e de forma mais frequente, pelo Estado da Bahia. Chegou a promover três eventos de corrida na cidade de Alagoinhas, respectivamente no ano de 2014, 2015 e 2016. Também deu apoio aos eventos de outros grupos e/ou instituições da cidade.

## **2.2 A Vácuo Assessoria Esportiva**

O professor de Educação Física Elquisson de Castro, que participava de competições e, em 1994 já era triatleta, oficializa a “Vácuo Assessoria Esportiva”, em Salvador, no ano de 2007, mas, mesmo antes dessa data, ela já estava em funcionamento, de acordo com o professor:

A vácuo foi regularizada em 2007, mas desde 2000 a gente já faz um trabalho com camisa, com uma estruturazinha, mas nada sério. Eu digo para as pessoas que a Vácuo foi criada em 2007. (Informação verbal, 2017)<sup>11</sup>

A Vácuo possui representações em algumas cidades brasileiras, entre as quais estão: Salvador, Alagoinhas, São Paulo, Aracaju e Teresina. Nestas cidades, a assessoria fica sob a responsabilidade de profissionais da Educação Física que promovem encontros semanais de acompanhamento com os treinadores, em locais pré-determinados.

---

<sup>10</sup> Entrevista realizada com Geomário Silva, 48 anos, em 10 de novembro de 2016

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Elquisson de Castro, 44 anos, em 05 de dezembro de 2016

Essa assessoria chegou à cidade de Alagoinhas nos primeiros meses de 2015. Inicialmente apenas prestando assessoria através de planilhas ( conforme informação anterior) a um pequeno grupo de mulheres que buscava orientações para melhorar o desempenho e uma orientação “mais eficiente” na prática de corrida de rua. No ano de 2016, o grupo já contava com uma média de 25 pessoas, prevalecendo a grande maioria do sexo feminino.

Mesmo possuindo um número considerável de integrantes durante todo ano de 2016, o trabalho continuava no mesmo formato: o professor Elquisson preparava e enviava as planilhas por e-mail a cada integrante com a programação de dois dias para o cumprimento das atividades, sob a supervisão de um outro treinador, nas terças e quintas pela manhã, para aqueles que tinham disponibilidade. No mês de janeiro de 2017, ele passa a residir na cidade de Alagoinhas e faz uma modificação no formato dos encontros, que passaram a acontecer regularmente às terças e quintas, em dois horários, das 18h às 19h e das 19h às 20h, a fim de contemplar a grande maioria. É montada uma tenda personalizada na Avenida Luiz Viana, como ponto de apoio. O local é o principal espaço da cidade para prática de caminhadas e corridas, e também serve de ponto de encontro para grupos de ciclistas. Esse espaço possui alguns equipamentos disponibilizados à população, para a prática de exercícios. A visibilidade da Vácuo aumentou ao se estabelecer nesse local e, conseqüentemente, vai agregando mais pessoas. O uso da camisa com a marca da Assessoria chama bastante atenção na cidade. Elquisson de Castro comenta o seguinte a respeito dessa visibilidade:

Quando eu vejo um monte de gente com a camisa azulzinha com o nome Vácuo eu acho fantástico aquilo, todo mundo sorrindo...ela é forte, quando ela chega é essa marca, olha, tem a Vácuo aqui.(Informação verbal)<sup>12</sup>

Com a modificação no formato dos encontros, as pessoas que já integravam o grupo ficaram mais empenhadas em comparecer com maior frequência. Desde então, os treinos passaram a ser acompanhados. A

---

<sup>12</sup> Ibidem, 2016

Assessoria tem também, como uma das suas práticas institucionais, a participação na organização de eventos de corrida de rua. Fica faltando, neste relato, alguns dados sobre o perfil dos participantes da Vácuo, porque ainda estão sendo coletados.

Sobre o desenvolvimento dos grupos de corrida na cidade de Alagoinhas, posso afirmar que depois da criação da Associação de Atletismo da Bahia, em 1999, o primeiro grupo de corrida dessa cidade, o ano de 2013, marca um novo momento da corrida de rua, com o surgimento das assessorias esportivas. Entre os anos de 2013 e 2017, um aumento de praticantes de corrida de rua cresceu significativamente, e os corredores (as), na sua maioria, praticam o esporte em grupos.

Pretendo dar conta da relação de constituição dos grupos de corrida e da constituição de identidades, a partir de duas dimensões: a identidade do próprio grupo e a identidade dos sujeitos que vão se constituindo em uma inter-relação. Vou então apresentar alguns questionamentos, tentando alcançar o sentido dessa inter-relação: como se dá o processo da identificação com um grupo de corrida e não com outro? Como os objetos/signos/marcas se inscrevem na constituição das identidades dos (as) corredores (as)? Que tipo de sociabilidade se estabelece nos grupos? Qual o aspecto orientador do grupo? Como a noção de superação de si incide sobre as identidades, hoje, e como os grupos participam na potencialização dessa noção?

Essas questões são norteadoras de minha pesquisa em relação à qual o presente trabalho é um dos desdobramentos iniciais. Não foi possível até o momento abordá-las. Este estudo se situa ainda em uma dimensão descritiva dos grupos que foram delimitados para análise, e os dados apresentados até aqui ainda deverão ser problematizados.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Comment peut-on être sportif //: BOURDIEU, Pierre **Questions de sociologie. Paris: Les Editions de Minuit, 2002**
- DALLARI, Martha Maria. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo.** 2009. 129p. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MELO, Victor Andrade. Corpos, bicicletas, e automóveis : outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade. **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais.** São Paulo. Editora UNESP, 2009.
- QUEVAL, Isabelle. **Realizar-se ou se superar: ensaio sobre o esporte contemporâneo.** Rio de Janeiro: Forense; Paris (França): Éditions Gallimard, 2013
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais.** Tradução de Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979
- SILVA, Mario Sergio Andrade. **Corra! São Paulo.** Editora Academia. 2009.
- STRAUSS, ANSELM L. **Espelhos e máscaras: A busca de identidade.** Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- VIGARELLO, Georges Treinar. In: Corbin, Alain; COURTINE, Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar.** Petrópolis: Vozes, 2008. V.3
- .